

A NECRÓPOLE SIDÉRICA DE TORRE DE PALMA (MONFORTE, PORTUGAL)¹

Maia LANGLEY
Universidade de Lisboa

Rui MATALOTO
Município de Redondo

Rui BOAVENTURA
Universidade de Louisville

RESUMO

Pretende-se aqui apresentar uma primeira abordagem ao conjunto artefactual da Idade do Ferro recolhido nas intervenções de Torre de Palma, em particular do resultante das escavações de Manuel Heleno, na sequência da sua identificação no contexto da revisão global do espólio proveniente desta *villa*, efectuada por um de nós (M.L.). A raridade do espólio e a sua relevância no contexto da Idade do Ferro do interior Sul do território hoje português impõe esta primeira nota.

RESUMEN

Se presenta una primera aproximación al conjunto ergológico de la Edad del Hierro recogido en las intervenciones de la villa romana de Torre de Palma, en particular del procedente de las excavaciones de Manuel Heleno, en el contexto de la revisión global del material proveniente de este yacimiento efectuado por uno de nosotros (M.L.). La rareza del conjunto y su relevancia en el panorama de la Edad del Hierro en el interior meridional del territorio portugués justifican esta primera nota.

ABSTRACT

A first approach to the archaeological Iron Age finds from the roman *villa* of Torre de Palma (Monforte, Portugal) is presented. Their identification came from the revision of the archaeological finds from this site obtained by Manuel Heleno, during the seasons 1947-1962. This general revision is being done by one of us (M.L.). The rarity of those remains and their importance into the context of the South Portugal Iron Age justify this first new.

¹ O presente texto constitui a síntese de um outro, mais extenso, a ser publicado na revista *O Arqueólogo Português*.

1. SINOPSE DO SÍTIO

O sítio arqueológico de Torre de Palma, localizado na herdade homónima, é conhecido pela existência de uma *uilla* romana com uma extensa *pars rustica* e uma *pars urbana* pavimentada com elaborados mosaicos. Instalada em meados do século I d.C., esta *uilla* foi ampliada durante os séculos III-IV com um complexo balneário monumental e uma basílica paleo-cristã, com um edifício adjacente coevo (possivelmente um mosteiro) (Fig. 1).

A basílica, à qual foi adicionada um baptistério cruciforme duplo, foi prolongada para oeste, tornando-se num edifício religioso com duas duplas absides. Já com a parte nascente da basílica abandonada, a área oeste continuou a ser utilizada para fins religiosos até ao século XV, sendo denominada em documentos eclesiásticos como *Ermida de São Domingos* ou *Capela de São Domingos* (Mp, 1758), topónimo que perdurou localmente até ao presente (Boaventura e Banha no prelo; Langley 2006).

Portanto, este sítio tem sido referenciado pela sua ocupação inicial em período romano, que se prolongou ao longo de séculos, registando-se a utilização de algumas das suas estruturas ainda em meados do 2º milénio d.C., como centro administrativo e religioso cristão, apesar da continuidade entre estes dois períodos ser ainda difusa.

2. BREVES HISTÓRIA E “ESTÓRIAS” DAS INTERVENÇÕES

O sítio foi descoberto em finais de Fevereiro de 1947, graças à curiosidade de Joaquim Inocêncio Militão, um trabalhador rural da Herdade de Torre de Palma, que lavrava naquela courela. Pouco depois Manuel Heleno, então director do actual Museu Nacional de Arqueologia (MNA), promoveu as escavações que se desenrolaram até 1964, ano em que este se terá reformado do cargo, apesar de ter continuado no seu gabinete até 1966, durante a Direcção interina de J. Saavedra Machado (1987; e informação pessoal de Margarida Cunha). Essas várias campanhas de escavação foram realizadas durante os interregnos das culturas, supervisionadas à distância por M. Heleno e no local por funcionários do Museu, nomeadamente Jaime Roldão, Manuel Madeira Rosa, João Lino da Silva, João Saavedra Machado, ou ainda Georg e Vera Leisner, que executaram, nos primeiros anos, muitos dos desenhos técnicos da *pars urbana* e *rustica* (Arquivo Leisner, 101.2). No entanto, J.L. Silva, o funcionário

que mais tempo ali passou, destaca-se pela importância dos seus relatórios epistolares (com anotações e plantas) que se tornaram ferramenta incontornável para o deslindar de designações das áreas escavadas, bem como da proveniência do material exumado.

Posteriormente, em 1971, Fernando de Almeida procedeu à escavação de uma pequena área perto do topo oeste da basílica, ainda que esta acção e os seus achados nunca tenham sido devidamente publicados (Almeida 1971: 5-33).

Finalmente, em 1983 Stephanie Maloney, da Universidade de Louisville (Kentucky, E.U.A.), iniciou um novo ciclo de trabalhos arqueológicos, procedendo a campanhas de clarificação e escavação da basílica, bem como ao desenho das estruturas expostas da *uilla*. Outros sectores foram também alvo de intervenções pontuais, com maior ênfase na área sul. Essas campanhas continuaram até Julho de 2000.

Quando, enfim, em 1966, M. Heleno saiu do Museu Nacional de Arqueologia, num ambiente de despeito com o novo Director, F. Almeida (Informação pessoal de M. Cunha), levou consigo o conjunto de anotações e plantas das suas escavações, ao serviço daquela instituição, em centenas de sítios em Portugal, nomeadamente em Torre de Palma. Infelizmente, M. Heleno cometera o pecado que assombra a maioria dos arqueólogos: demasiada escavação e pouca publicação. De facto, este levou consigo os únicos exemplares com as informações que permitiriam a posteriores investigadores a compreensão e interpretação dos materiais recolhidos em Torre de Palma. Assim, apesar da maioria da colecção do Museu se apresentar com a sua proveniência aproximada (ex: “Lado da Eira”, “Continuação das Construções, Talhão XII”, etc.), essas referências tornaram-se inúteis. Simultaneamente, também a confusão entre áreas como o “Cemitério Luso-Romano”, “Cemitério ao pé das Ermidas” ou “Necrópole” e “Cemitério”, colocaram o investigador perante uma colecção perdida de sentido e sem a possibilidade do seu estudo contextualizado.

Felizmente, em 1998, as pródigas anotações retornaram ao MNA do seu êxodo indevido, ainda que num estado de preservação lastimável, depois de expostas a mau acondicionamento e humidade (Informação pessoal de L. Raposo). Graças a essa re-aquisição foi possível efectuar um inventário sistemático da colecção, entretanto iniciado em Outubro de 2000, no âmbito do doutoramento de um dos signatários (M.L.), agora conjugado com a informação constante naqueles apontamentos.

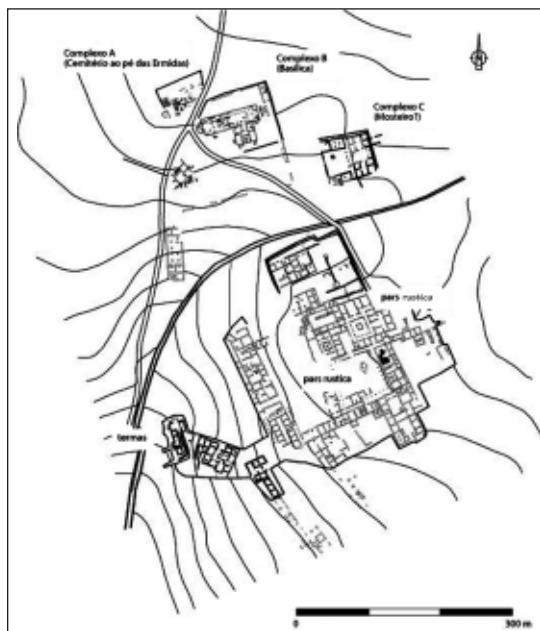


Fig. 1.— Planta geral da “villa” romana de Torre de Palma (seg. Maloney, 1996).

Actualmente, o espólio do MNA —anotações, fotografias, mapas e artefactos— exumado por M. Heleno e F. Almeida, está a ser estudado em conjugação com os dados recolhidos por S. Maloney. Para o efeito organizou-se uma base de dados que fundiu essas informações através de uma série de Complexos, permitindo assim uma compreensão global da/s colecção/ões.

No âmbito desta nova investigação verificou-se (ou reverificou-se) a presença de vários contentores e materiais não romanos, nomeadamente de época pré-romana sidérica. A maioria destes objectos encontrava-se concentrada nas áreas dos Complexos A e C, exumada tanto nas escavações de M. Heleno como de S. Maloney —trabalhos que ocorreram cerca de 30 anos aparte.

Investigadores anteriores haviam apontado a existência isolada de alguns materiais pré-romanos no MNA (Ponte 1987 e 2006; Fabião 1998, vol. I: 172), anotando algumas reservas quanto à real atribuição daquelas peças a Torre de Palma (Fabião 1998, vol. I: 170). Para isso colocou-se a hipótese, plausível, de que se teria registado No Museu alguma confusão nas nomeações das peças entre os funcionários, nomeadamente por aquele que tinha a seu cargo a escavação de vários sítios em simultâneo como a Cabeça de Vaiamonte, Torre de Palma, Herdade do Reguengo, etc., e posteriormente as en-

viava por encomenda postal ferroviária, para Lisboa. No entanto, este não parece ser o caso de Torre de Palma, pois a existência de espólio cronologicamente semelhante exumado em dois momentos distintos, as intervenções de M. Heleno e S. Maloney, parece assegurar a integridade da colecção do MNA.

Também nas anotações de J.L. Silva, é possível verificar o momento em que alguns destes materiais pré-romanos foram exumados. Numa das suas cartas-relatório para M. Heleno, de 18 de Agosto de 1960, o funcionário descreve a descoberta desses materiais, ainda que não tivesse consciência da sua cronologia pré-romana. Mas é com a informação desta carta que se compreende a sua localização e uma vaga noção do seu provável cariz funerário.

“Participo a V. Exa. Terminei a construção e Sepulturas do cemitério ao pé das Ermidas; mando a V. Exa. um pequeno desenho, para V. Exa. ver pouco mais ou menos o que ficou descoberto; e uma construção de pedra e terra muito difícil de perceber, mas creio eu que era para segurar as paredes das sepulturas; ao lado há uma casa com uns alicerces feitos de pedra e cal, dentro dela era toda em rocha, mas trabalharam-na para fazerem as Sepulturas, creio que as paredes eram forradas de pedra de mármore, pois que encontrei muitos fragmentos da dita pedra, ainda há uma parede com um fragmento; encontrei algumas peças de cerâmica e duas urnas, e duas fibulas...”

(Lino de Silva, 18.8.1960)

3. TORRE DE PALMA E O TERRITÓRIO ALTO ALENTEJANO. GEOGRAFIA E PAISAGEM

O sítio arqueológico de Torre de Palma implanta-se em pleno Alto Alentejo, no concelho de Monforte, freguesia de Vaiamonte, nas cabeceiras da bacia do Tejo, bem próximo do festo, situado escassos quilómetros a Nascente (Fig. 2).

A villa romana implanta-se na extremidade de um extenso patamar aberto a Sul, dominando a vastidão da paisagem alentejana que se abre de nascente a poente, ficando no limiar do horizonte, a Sul, o recortar da serra d’Ossa. Os vestígios romanos dispersam-se por duas lombas muito ligeiras, separadas por uma pequena linha de água: de um lado, o cemitério e as ermidas, do outro o complexo residencial e produtivo.

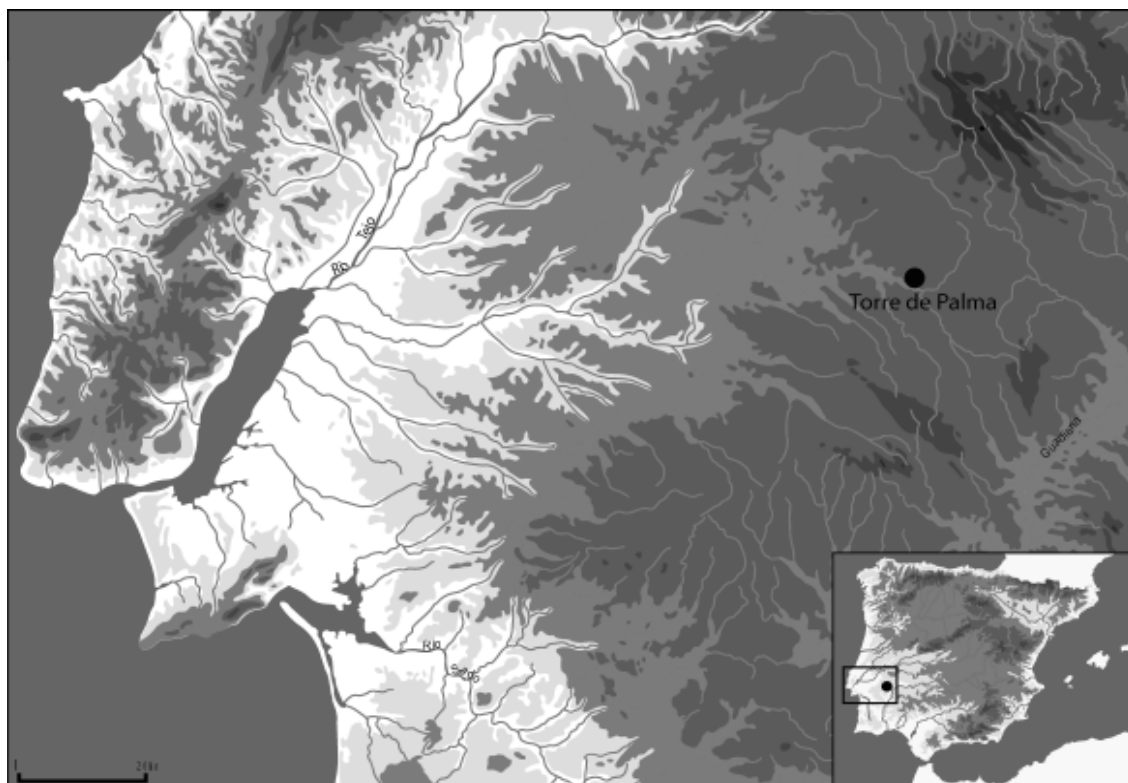


Fig. 2. – Torre de Palma no território alto alentejano.

Os solos são profundos, argilosos e pesados, fixados no micro-topónimo de Lameira, mas muito férteis e propícios para a agricultura, como a extensão do complexo produtivo romano de Torre de Palma nos confirma.

As paisagens abertas (Fig. 3) e os caminhos fáceis acabaram por se plasmar num entrecruzar de vias que, de noroeste e sudoeste, ligavam, em época romana, o mar ao interior extremo, onde se fixou a capital Emerita. Cremos que estes seriam os caminhos que, muito antes dos romanos, se cruzariam e fixaram, tecendo uma malha cultural bem marcada pelas duas realidades em contacto.

Torre de Palma estaria, então, instalada num enorme corredor de transitabilidade natural que une as “vegas” do Guadiana ao fundo do estuário antigo do Tejo, que tinha em Santarém o eixo de interacção.

4. A NECRÓPOLE DA IDADE DO FERRO DE TORRE PALMA

A avaliação de um conjunto de material arqueológico completamente desprovido de contexto

é sempre um exercício arriscado, onde nos temos que guiar por elementos directores que indiciem, com alguma clareza, a presença de ocupação em determinados espectros cronológicos. Todavia, a vida dos objectos é, muitas vezes, fugidia, abreviando-se ou estendendo-se no Tempo e, até mesmo, no espaço. Por outro lado, se este fenómeno se evidencia bem em contextos habitacionais, em contextos funerários torna-se ainda mais complexo, pelas idiosincrasias dos vivos, mas também dos mortos ...

As necrópoles são, então, “campos-santos” onde o Tempo nem sempre flui e decorre de igual modo, tornando-se muitas vezes extremamente complexo aprisionar as diacronias e sincronias do rito ...

Assim, ficando clara a especificidade dos contextos funerários, em particular os desprovidos de contexto, agravada pela escassez dos mesmos no Sul do país para cronologias recuadas da Idade do Ferro, sem esquecer igual desprovido de âmbitos habitacionais conhecidos, terá que ser com notável cautela que nos teremos que acometer à tarefa proposta.



Fig. 3.– Vista geral de Torre de Palma e paisagem envolvente.

O conjunto pode subdividir-se, de momento, ao menos em dois subgrupos, um cerâmico e outro metálico. Ambos apresentam, ainda, um conjunto de peças possíveis, que requerem uma análise mais atenta, e que deixaremos para um trabalho mais alargado que esta pequena nota.

Creemos, efectivamente, que estamos perante um conjunto artefactual proveniente de um contexto funerário, na justa medida em que as peças, nomeadamente cerâmicas, se apresentam completas ou quase completas, mas também porque um dos recipientes completos, a urna 2000.419.1, apresentava ainda alguns ossos carbonizados no seu interior, ainda que já (in)devidamente limpos e desprovidos das cinzas. Deste modo, além de confirmar a presença de um contexto funerário, a sua presença indica igualmente que se trata de uma necrópole de incineração, com deposição dos restos carbonizados no interior das urnas. Por outro lado, para além da referência genérica à proveniência (“Cemitério ao pé das Ermidas” ou simplesmente “Cemitério”) nada associa com clareza este conjunto de materiais, para além da sua eventual tipologia e espectro cronológico.

4.1. O ESPÓLIO CERÂMICO

O conjunto cerâmico é composto, de momento, por três potes, certamente urnas, que se encontram em razoável estado de conservação e algo mais de uma dezena de taças, pratos e pequenos potes ou unguentários (Fig. 4). Para além deste existe ainda um conjunto de outras peças que se encaixaria dentro das tipologias disponíveis para a Idade do Ferro, que carecem de momento de uma análise mais cuidada.

A cerâmica cinzenta é, certamente, um dos tipos cerâmicos mais característicos dos primeiros momentos da Idade do Ferro no Sul peninsular, encontrando-se extensamente documentada em contextos indígenas, mas igualmente nas diversas realidades coloniais.

Ainda que não seja propriamente frequente no interior alentejano (Mataloto 2004: 91), julgamos importante reforçar a enorme relevância que a cerâmica cinzenta assume nos grandes povoados do estuário do Tejo, como Lisboa (Arruda, Freitas e Vallejo 2000) ou Almaraz (Arruda 1999-2000: 102) ou, mais em particular, Santarém (Arruda 1999-

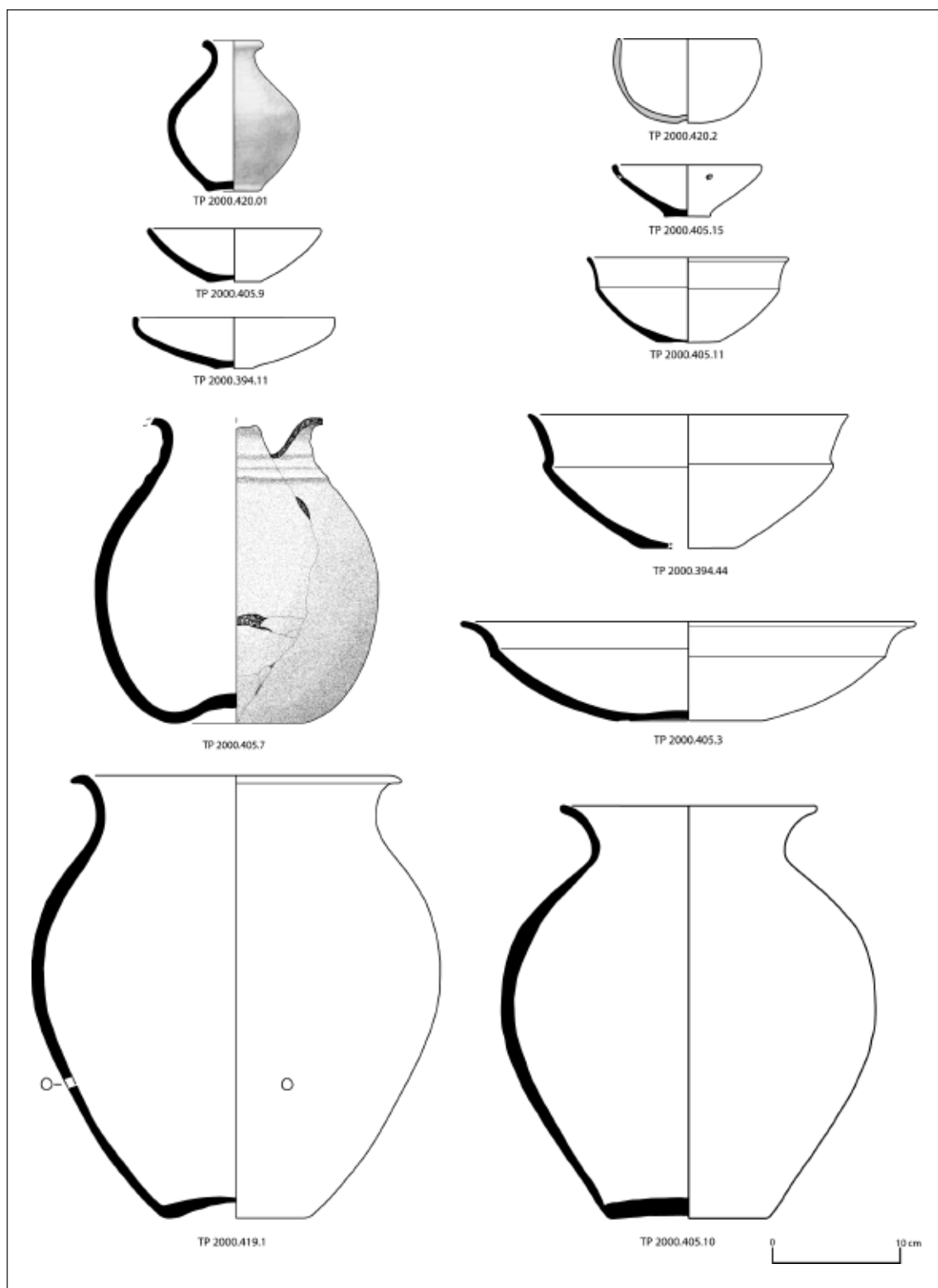


Fig. 4.– Conjunto cerâmico do “Cemitério ao pé das Ermidas”, Torre de Palma.

2000: 198) pela sua maior proximidade com o território alentejano.

Este tipo cerâmico apresenta uma longa tradição de investigação, enquadrada na análise das realidades de fundo “tastéssico” ou “orientalizante”, valorizando-se mais, em certos casos, a sua origem local, na sequência das suas afinidades com a cerâmica brunida do final da Idade do Bronze, enquanto noutros se reforça a sua feição exterior, decorrente do processo de colonização fenícia (Vallejo 1999; 2005).

A cerâmica cinzenta proveniente do “Cemitério ao pé das Ermidas” resume-se a três formas distintas, potes, taça carenada e tigela de bordo simples ou espessado, distribuídas por duas produções bem diferenciadas.

Estas encontram, ao nível do fabrico, um paralelo razoavelmente directo nas produções A e B de Alcácer do Sal (Silva *et al.* 1980-81: 178) que, para abreviarmos, poderemos designar de clara e escura. Estas duas produções distintas encontram-se igualmente documentadas em Abul (Mayet e Silva 2000: 45).

As diversas formas encontram-se bastante bem documentadas em todo o Sul peninsular, estando presentes nas diversas tipologias disponíveis para a cerâmica cinzenta do Sul peninsular, ainda que as formas mais fechadas assumam algumas particularidades.

O conjunto dos três potes, correspondentes muito provavelmente a três urnas para deposição dos restos incinerados, apresentam morfologias bem documentadas ao longo da primeira metade do Iº milénio a.C.. Ao nível da produção podem, genericamente, integrar-se dentro das cerâmicas cinzentas, ou cinzentas acastanhadas, ainda que apresentem um nível de qualidade e acabamento distinto do documentado para as formas abertas. Os paralelos mais directos, quer em termos morfológicos, quer de uso, encontramos-lo nas urnas de cerâmica cinzenta da necrópole de Medellín, em concreto nas suas formas 1, 2 e afim de 5 (Lorrio 1988-89: 300).

O pote 2000.419.1 integra-se com facilidade na forma 2 das urnas de Medellín, apesar de apresentar um fundo ligeiramente côncavo, ao invés daquelas que o apresentam exclusivamente plano; estas integram-se na totalidade dentro da sua Fase I (Lorrio 1988-89: 304), isto é entre meados do séc. VII a.C. e inícios do segundo quartel do seguinte.

A peça 2000.405.10, bem caracterizada pela ausência de colo e por marcado estrangulamento do bordo, apresenta igualmente bons paralelos na necrópole de Medellín, nomeadamente na forma 1B

do mesmo autor, integrada igualmente quase em exclusivo na Fase I (Lorrio 1988-89: 304).

Todavia, estas formas, pela sua relativa simplicidade, enquanto recipientes de média/grande dimensão, acabam por perdurar sem alterações significativas até momentos mais tardios, podendo facilmente atestar-se, em fabricos igualmente reductores, em Cancho Roano (Celestino 1996, *passim*) ou em La Mata, nomeadamente nas formas E.2 A a C (Rodríguez Díaz 2004: 253).

O nosso pote 2000.405.7 é, no entanto, mais complexo de enquadrar tipologicamente, ainda que tenha algumas similitudes com a forma 5 de Medellín, em particular pelo colo alto e corpo bojudo, diferenciando-se pela presença de um fundo côncavo bem marcado, ausente naquela necrópole; esta forma 5, com exemplar único, parece integrar-se na Fase II (Lorrio 1988-89: 305). Por outro lado, os ressaltos que apresenta entre o colo e o bojo, estão bem documentados em outras formas, como a 3B da urna 27, que pertencem à Fase I. Esta forma e esta decoração apresenta, todavia, inúmeras perdas, que dificultam qualquer tentativa estrita de cronologia. A reforçar o seu carácter aparentemente mais tardio pode-se assinalar que na citada necrópole as urnas de fundos pronunciadamente côncavos não estão documentadas entre as produções de cerâmica cinzentas, ao invés do que acontece em Cancho Roano, onde são relativamente frequentes, quer nestas produções, quer nas oxidantes (Celestino 1996: 101)

As formas fechadas, do tipo pote, em cerâmica cinzenta, são muito características da necrópole de Medellín, e da área extremeña, sendo relativamente raras nos restantes contextos do Sul peninsular, para as cronologias em questão (Vallejo 2005: 1156), o que reforça as associações do conjunto alentejano com a necrópole de Medellín, em particular, e o espaço extremeño, em geral.

A forma carenada 2000.394.44 enquadra-se nos tipos 9 de Doña Blanca (Vallejo 1999: 183), no tipo B. 2 de Medellín (Lorrio 1988-89: 296) ou no tipo I.C. de Abul (Mayet e Silva: 48); no entanto, o exemplar de Torre de Palma apresenta, relativamente a estes, uma carena mais acentuada. Julgamos, igualmente, importante realçar as similitudes com os exemplares recolhidos na necrópole da Talavera la Vieja (Jiménez Ávila 2006: 141) que, de resto, constitui um dos conjuntos mais próximos do que aqui apresentamos. Esta forma apresenta igualmente fortes semelhanças com os pratos 3A1 de Medellín, ainda que se distinga deles pela presença de fundos destacados (Lorrio 1988-89: 292).

Recipientes afins deste estão igualmente presentes em contextos coloniais do sudeste peninsular, como Cerro del Vilar, Toscanos ou Alarcón (Aubet *et al.* 1999: 166)

Não cremos despidiendo assinalar que esta forma apresenta grandes similitudes com morfologias bem documentadas no final da Idade do Bronze do Sul peninsular, mas de produção manual, quer em contextos de povoado (Vilaça 1995: 201; Ruiz Mata 1995: 287), quer de necrópole, como Meijão (Kalb e Hock 1985) ou Les Moreres (González Prats 2002: 238). Estas mesmas formas encontram-se, também, documentadas nas mais antigas necrópoles sidéricas do Sul peninsular, como Las Cumbres (Córdoba y Ruiz Mata 2000) ou Setefilla (Aubet 1975 e 1978).

Parece ser consensual entre os diversos autores a sua presença em contextos do séc. VIII e VII a.C., acompanhando um momento de arranque e expansão da cerâmica cinzenta, entrando em declínio em momentos subsequentes (Vallejo 1999: 154); todavia, os morfótipos abertos carenados em cerâmica cinzenta, mas de formas mais elaboradas e fundos destacados ou em pé de anel, manter-se-ão residualmente até mais tarde, tal como foi possível documentar em sítios tão distintos, e não muito distantes, como La Mata (Rodríguez Díaz 2004: 252) ou Abul B (Mayet e Silva 2000, 182).

Relativamente à peça 2000.405.11 pode-se afirmar que, apesar de não estar tão frequentemente representada como a anterior, tem na forma 10 de Doña Blanca (Vallejo 1999: 123) uma produção afim, ou em Abul no tipo IIIB1, estando igualmente representada no tipo B.2 de Medellín.

Em termos cronológicos, esta forma encontra-se documentada em Doña Blanca no séc. VIII a.C. desaparecendo no seguinte (Vallejo 1999: 153), tendo-se detectado em Abul A, mas não em Abul B (Mayet e Silva 2000). Também em Medellín esta forma é exclusiva da Fase I, a mais antiga (Lorrio 1988-89: 298). Esta forma não parece, então, sobreviver para além do séc. VII a.C. ou inícios do seguinte. No entanto, o facto de se tratar de um exemplar único, e de as formas carenadas abertas de cerâmica cinzenta, de vários tamanhos e morfologias, apresentarem em todo o Sul peninsular, como já foi dito, diversas perdurações até momentos bem avançados no milénio relativiza a validade deste elemento.

As restantes formas de cerâmica cinzenta, taças hemisféricas de bordo simples ou espessado, de fundo plano, todas integráveis nas produções mais escuras, B de Abul e Alcácer, correspondem à morfologia mais comum deste tipo cerâmico, estando

amplamente documentada em todos os locais onde foi documentada a presença de cerâmica cinzenta; estas acompanham todo o espectro de produção, sendo frequentes até aos meados do milénio, ou mesmo mais tarde. Ao nível do bordo, todas as variantes documentadas são frequentes, não sendo hoje aceitável estabelecer qualquer faseamento a partir do espessamento dos bordos (Arruda 1999-2000: 198). Esta forma, nas suas diversas variantes (pratos de tipo 1A a D), é a mais documentada na necrópole de Medellín (Lorrio 1988-89: 286).

O prato carenado 2000.405.03 apresenta uma forma pouco usual, na medida em que associa um largo bordo exvasado a um grande fundo plano, o que não é, de facto, comum nas tipologias disponíveis; todavia, apesar desta particularidade, é possível reconhecerem-se traços de grande proximidade com algumas produções em cerâmica cinzenta, ainda que neste caso corresponda a uma produção oxidante. Apesar da ausência de engobe, também não deixa de ser de registar traços de proximidade com alguns pratos de engobe vermelho (Freitas 2005).

Este recipiente apresenta algumas semelhanças com os pratos da forma 3A2 de Medellín (Lorrio 1988-89: 291), ainda que estes apresentem fundo destacado ou com ligeira concavidade, sendo igualmente bastante mais profundos. Por outro lado, o autor assinala que existe uma clara progressão dos fundos planos, típicos da Fase I, para os destacados ou côncavos, da fase mais recente. Esta evolução parece ser confirmada em Cancho Roano, onde os grandes pratos carenados de bordo exvasado, aqui de produção oxidante, tal como em Torre de Palma, também apresentam fundo côncavo (Celestino 1996: 100), verificando-se o mesmo em La Mata, onde chegam a apresentar pé de anel (Rodríguez Díaz 2004: 246).

No conjunto de Talavera La Vieja detectaram-se formas relativamente semelhantes desta última (Jiménez Ávila 2006: 166). Também na Fase III de El Risco se detectaram formas similares (E1a) (Enríquez Navascués, Rodríguez Díaz, Pavón Soldevila 2001: 83), assinalando-se a enorme perduração de formas afins.

Em termos funcionais, não é claro que todas as formas abertas estivessem a cumprir a função de tampa de urnas, ainda que seja a utilização mais usualmente documentada, podendo algumas constituir recipientes de oferendas. Na necrópole de Medellín, os pratos de tipo I são principalmente utilizados como tampas das urnas, enquanto que as formas carenadas, podendo também o ser, são mais frequentemente utilizadas enquanto recipiente vo-

tivo e mais raras vezes mesmo como urnas (Lorrio 1988-89: 293).

Os dois pequenos potes de bordo estrangulado, 2000.420.01 e 2000.426.03 (não representado), que se poderiam também designar de “garrafas”, deverão corresponder a recipientes de unguentos ou perfumes, que acompanham a deposição funerária. Estas formas, ou outras afins, ainda que não sejam propriamente frequentes, encontram-se bem representadas em diversos contextos funerários do Sul peninsular.

Na necrópole de Talavera la Vieja identificou-se uma forma semelhante, ainda que desprovida de bordo (Jiménez Ávila 2006: 137), estando igualmente presente na Fase II de Medellín uma forma afim, justamente designada de unguentário (Lorrio 1988-89: 306). Todavia, parece ser em Alcácer que encontramos esta forma melhor documentada, a partir dos desenhos, um tanto simples, apresentados por W. Schüle (1969, *tafel* 89, 92, 94 e 95). Um destes recipientes, encontra-se na designada sepultura 88, acompanhado por um púcaro e um conjunto de peças metálicas onde se inclui um fecho de cinturão de tipo “tartéssico” de três garfos (Schüle 1969, 95), também identificado em Torre de Palma.

Não sendo fácil rastrear estas pequenas formas em outros contextos mais distantes é, todavia, possível registá-la em plena área ibérica na necrópole de El Cigarralejo, nos unguentários de tipo A.I, com uma cronologia entre os meados do séc. V a.C. e os finais do seguinte (Cuadrado 1989: 83).

Regressando ao território alentejano importa aqui realçar um conjunto de vários destes recipientes detectados recentemente na necrópole da Tera, em Pavia, cerca de 50km a sudoeste de Torre de Palma, que se encontra em escavação por um de nós (R.M.). Estas pequenas “garrafas” surgem com frequência associados às deposições funerárias em urnas, usualmente acompanhadas por formas abertas. Ainda que seja bastante prematuro, é possível que a necrópole da Tera se enquadre algures entre os finais do séc. VI a.C. e grande parte do século seguinte.

4.2. O ESPÓLIO METÁLICO

Se o conjunto cerâmico apresenta algumas dificuldades para uma cabal identificação de todos os elementos passíveis de terem integrado as deposições funerárias sidéricas, mesmo tratando-se de realidades mais amplamente documentadas e estudadas, no que toca ao espólio metálico, as dificul-

dades são ainda maiores para se destrinçarem por entre as muitas dezenas de elementos metálicos romanos.

Tal como sucede com o conjunto cerâmico, os artefactos aqui em estudo resultam de uma primeira revisão, à qual se deverá suceder uma avaliação mais aturada, inclusivamente de todo o material metálico romano, de modo a melhor distinguirmos as realidades sidéricas das romanas e medievais, o que nem sempre é tarefa simples ...

Assim, numa primeira instância pode-se dizer que o conjunto é composto, essencialmente, por adereços pessoais e de vestuário, alguns dos quais já conhecidos e outros totalmente inéditos. Não é de todo impossível que venham a ser identificados artefactos de outro tipo. Para já resumem-se a fechos de cinturão, braceletes e fibulas, duas das quais já conhecidas (Fig. 5).

O conjunto em estudo apresenta-se razoavelmente homogéneo, e bastante bem documentado em todo o Sul peninsular, sendo mais raro em Portugal, onde apenas a necrópole de Alcácer apresenta um conjunto de características semelhantes, ainda que bastante mais alargado e mais rico.

Uma vez mais, é na necrópole de Medellín que vamos encontrar os melhores e mais próximos paralelos bem estratigrafados, ainda que sejam conhecidas associações semelhantes da necrópole do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, às necrópoles dos Alcores de Carmona (Torres 1999). A necrópole de Talavera la Vieja, recentemente publicada na íntegra (Jiménez Ávila 2006), é também um paralelo a ter em conta pela proximidade geográfica, mas também pelos conjuntos. Por outro lado, a necrópole de Aljucén (Enriquez Navascués, Domínguez de la Concha 1991) apresenta um conjunto com diversos pontos em comum, reforçados pela sua origem rural.

Os fechos de cinturão assumem, pelo seu significado cultural e cronológico, uma enorme relevância no estudo destes conjuntos funerários. Os exemplares identificados em Torre de Palma integram-se em dois dos três grandes grupos conhecidos no Sul peninsular, os ditos “tartéssicos” e os usualmente designados de “célticos”, de “escotaduras” laterais ou placa romboidal.

O exemplar 2000.426.1 integra-se nos fechos de tipo “tartéssico”, apresentando alguma especificidade que, todavia, não impede de o aproximarmos ao Grupo 3 de Cerdeño (1981). Estes fechos enquadram-se cronologicamente entre o séc. VII e boa parte do séc. VI a.C. (Cerdeño 1981: 54), encontrando no território andaluz o seu território de maior distribuição, estando também documentado

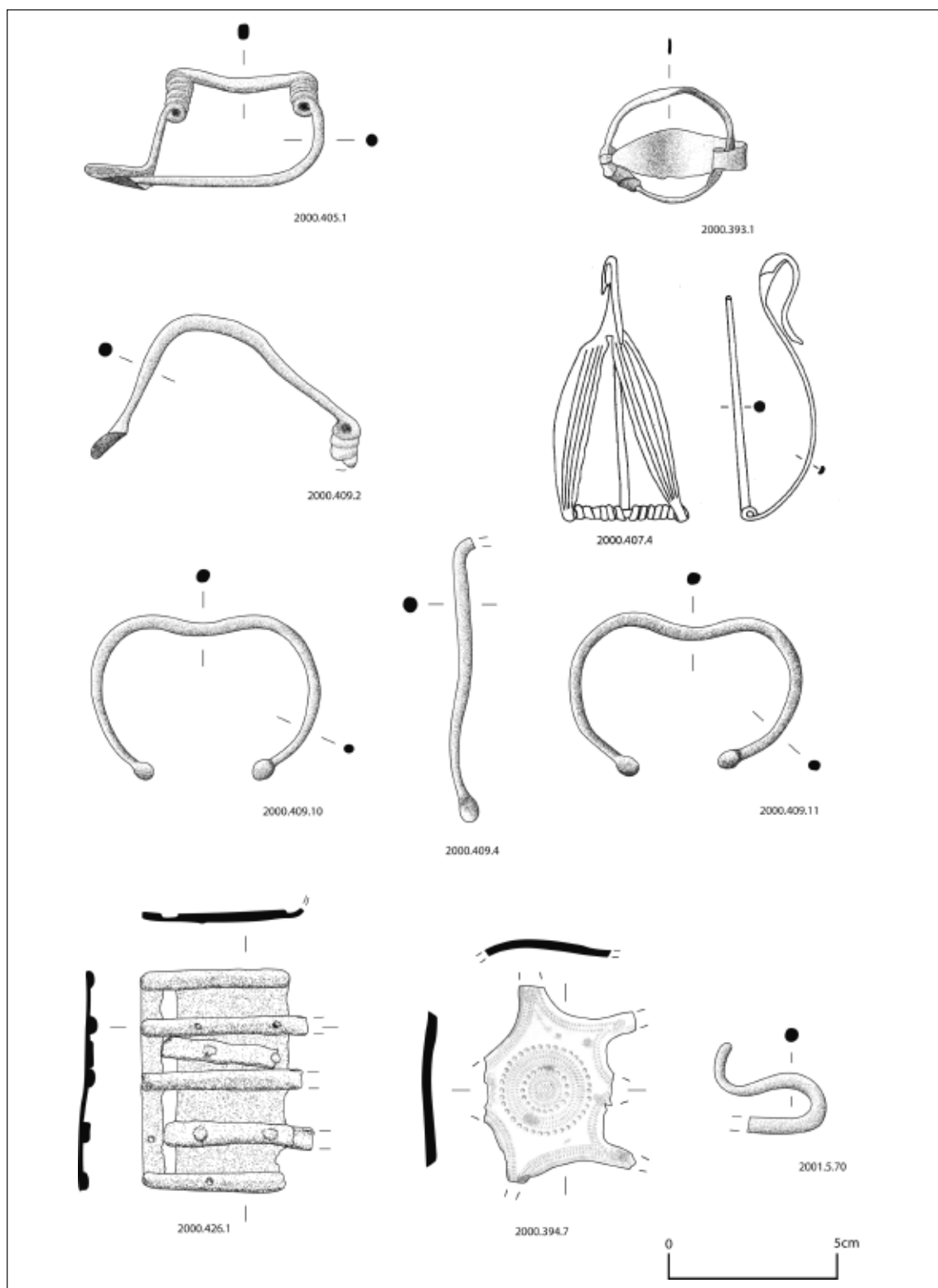


Fig. 5.— Conjunto metálico do “Cemitério ao pé das Ermidas”, Torre de Palma.

em diversas paragens do Sul peninsular, como a Baixa Extremadura ou o Baixo Sado, sendo raros na bacia do Tejo ou mesmo na área celtibérica (Jiménez Ávila 2006: 100; Argente *et al.* 2000: 102). Os conjuntos de Medellín (Almagro-Gorbea 1977) e de Alcácer (Schüle 1969), ambos com vários exemplares de três garfos, constituem os paralelos de maior proximidade, sendo de realçar os exemplares de Talavera La Vieja (Jiménez Ávila 2006: 100), por se integrarem na bacia do Tejo, tal como o de Torre de Palma.

Julgamos pertinente assinalar a presença, na necrópole de Medellín, deste tipo de fechos em conjugação com urnas do tipo 2, pratos das formas 1 e 3, braceletes “acorazonados” e fíbulas de dupla mola (Lorrio 1988-89: 295), todos documentados em Torre de Palma, formando a associação típica da Fase I. Associações semelhantes estão presentes no conjunto de Talavera la Vieja (Jiménez Ávila 2006).

O fecho 2000.394.7 enquadra-se em tipologias relativamente bem definidas, resultando as diversas tabelas disponíveis de ajustes de pormenor (DIII3/DIII5 de Cerdeño; B3B3/B4B6 de Lorrio; B6 de Carratiermes, entre outras). Em termos cronológicos, parece ser relativamente consensual o arranque deste tipo de fechos a partir de meados/finais do séc. VI a.C., prolongando-se até meados/finais do séc. V a.C., para alguns autores (Cerdeño 1978: 283; Parzinger, Sanz 1986: 174), enquanto para outros se mantêm em utilização até momentos bastante mais tardios, nomeadamente finais do séc. IV ou inícios do séc. III a.C. (Schüle 1969: 134; Argente, Díaz e Bescós 2000: 109).

O tipo identificado em Torre de Palma corresponde ao mais extensamente documentado a nível peninsular (Cerdeño 1978: 285), atingindo quase 14% dos exemplares documentados na Meseta Oriental (Lorrio 1997: 222).

Os fechos de placa romboidal e escotaduras laterais apresentam especial concentração na Meseta Oriental, estando igualmente bem documentado em extensas áreas do Sul peninsular. Apesar de serem tradicionalmente relacionados com o “Mundo céltico”, não obstante serem de há muito conhecidos em diversas necrópoles de fundo claramente mediterrâneo antigo, como Acebuchal, têm vindo a reabilitar-se enquanto indicadores das influências mediterrâneas.

A origem mediterrânea, nomeadamente grega oriental, dos protótipos e a sua difusão a partir da colonização grega foi muito recentemente reforçada no contexto de uma total revisão historiográfica em torno da “origem céltica” deste tipo de fechos (Jiménez Ávila 2003), indo ao encontro de

propostas anteriores que apontavam nesse mesmo sentido (Parzinger e Sanz 1986; Fabião 1998, vol. I: 179).

No território hoje português conhece-se um número não muito alargado de fechos de cinturão placa romboidal, tendo-se alterado pouco a sua distribuição desde o trabalho, já clássico, D. Fernando de Almeida e Veiga Ferreira (1967). A sua dispersão faz-se, essencialmente, pelo litoral e interior Sul do país, tendência que se viu reforçada pelos dois novos exemplares registados, para além do de Torre de Palma: um de Freiria (Encarnação e Cardoso 1999), idêntico ao aqui dado a conhecer e outro de Vaiamonte, mas de escotaduras abertas (Fabião 1996); um possível terceiro fecho, difícil de enquadrar tipologicamente, mas eventualmente semelhante a este último, proveniente da Tapada das Argolas, Beira Baixa (Vilaça *et al.* 2002-2003: 183), poderá indiciar um verdadeiro alargamento do panorama de dispersão para contextos interiores mais a Norte.

A presença deste fecho de cinturão em Torre de Palma remete, uma vez mais, para os conjuntos da necrópole de Medellín, onde se encontra bem documentado na Fase II, por vezes em associação com outros elementos também documentados na necrópole alentejana, como os pratos da forma 1 ou as fíbulas anulares hispânicas (Lorrio 1988-89: 309).

Foram detectados dois braceletes “acorazonados” completos e parte de um terceiro, que foi objecto de distensão que lhe “corrigiu” a curvatura.

Os designados braceletes “acorazonados” são pouco conhecidos no território hoje português, todavia, encontram-se bem documentados no Sul peninsular, quer em conjuntos funerários, quer em contextos habitacionais (Rovira *et al.* 2005: 1235; Jiménez Ávila 2006: 95). Encontram-se igualmente documentados em contextos notoriamente interiores, como a necrópole de Carratiermes (Argente *et al.* 2000: 124), na Meseta Oriental.

Importa aqui realçar, em particular, a sua identificação em Alcácer (Schüle 1969, *tafel* 89) e nas necrópoles extremenhas de Medellín (Almagro-Gorbea 1977), Aljucén (Enríquez e Domínguez 1991) e Talavera la Vieja, onde se detectou o mais extenso conjunto conhecido (Jiménez Ávila 2006: 95). Igualmente relevante é a sua presença, e eventual produção, no povoado urbano de El Palomar (Oliva de Mérida) (Rovira *et al.* 2005: 1240).

Na necrópole de Talavera la Vieja, foram identificados braceletes em ouro e prata, para além dos mais usuais em bronze, conferindo-lhe, provavelmente, um particular significado social e/ou cultu-

ral, a ponto de serem produzidos em metais preciosos, e muito possivelmente imitados naquela liga. No âmbito do estudo deste conjunto de Talavera foi avançada uma explicação bastante sugestiva para a sua forma muito peculiar (Jiménez Ávila 2006: 97); estes braceletes seriam elementos simbólicos representativos de uma qualquer relação de dependência interpessoal, resultando a sua forma da abertura violenta do bracelete, após o término dos laços, o que daria a amortização do adereço. Todavia, apesar de ser bastante apelativa, pelas inferências sociais possíveis, faltam ainda mais elementos concretos, para uma aceitação cabal desta hipótese, caso de evidências claras de estrias de esforço e torsão, resultantes da abertura dos mesmos.

Na necrópole de Les Moreres, nomeadamente na sepultura 116, convivem braceletes em tudo semelhantes, ainda que um seja “acorazonado” e outro não, apresentando índices de abertura semelhantes (González Prats 2002: 190); deste modo, será complexo aceitar, na minha perspectiva, de modo directo, a associação da forma a um gesto simbólico de ruptura dos laços sociais. Este facto não invalida, todavia, que os mesmos possam ter, efectivamente, representado um qualquer laço de dependência, que justifique a sua aparente acumulação por alguns agentes sociais (Jiménez Ávila 2006: 97).

Em termos cronológicos estes braceletes parecem concentrar-se entre o séc. VII e VI a.C. (Jiménez Ávila 2006: 95; González Prats 2002: 335). Em Medellín, como já se disse, acompanham fechos de cinturão “tartéssicos”, urnas do tipo 2, pratos das formas 1 e 3, braceletes e fíbulas de dupla mola (Lorrio 1988-89: 295), todos integráveis na Fase I, algures entre os meados do séc. VII e inícios do segundo quartel do séc. VI a.C. (Lorrio 1988-89: 311).

No conjunto dos adereços metálicos de Torre de Palma existem pelo menos cinco fíbulas atribuíveis a momentos antigos do Iº milénio a.C., a par de um extenso rol integrável em época tardo republicana e imperial.

As cinco fíbulas aqui em estudo foram recolhidas, atendendo aos registos existentes, no “Cemitério” que deverá corresponder ao “Cemitério ao pé das Ermidas”, encontrando-se a de tipo “Acebuchal” já publicada (Ponte 2006: 427; Ponte 1987) tendo a existência da fíbula de dupla mola sido apenas mencionada (Fabião 1998: 181).

Todas as fíbulas registadas, apesar de algumas especificidades, se integram dentro de tipos bem documentados em diversos contextos sidéricos do Sul peninsular, nomeadamente, uma vez mais, nas necrópoles de Alcácer e Medellín. Integram, usualmente, conjuntos funerários compostos pelos tipos

cerâmicos e metálicos detectados em Torre de Palma.

A fíbula de dupla mola constitui um dos melhores indicadores do arranque da Idade do Ferro do Sul peninsular (Torre Ortiz 2002: 196; Ponte 2006: 96), encontrando-se extensamente documentada em quase todo o território peninsular e mesmo no Sul de França, quer em contextos funerários, quer habitacionais.

Em Portugal encontra-se registada em diversos contextos do litoral, com evidentes ligações ao Mundo Mediterrâneo, caso da necrópole de Alcácer, Almaraz, Santa Olaia, Conimbriga, entre outros. Por outro lado, no interior do país parece associar-se aos últimos momentos do final da Idade do Bronze, caso dos exemplares documentados na Coroa do Frade (Arnaud 1979) e em Arraiolos (Ponte 2006: 110) atingindo, mesmo, realidades bastante interiores, caso da Fraga dos Corvos, em Macedo de Cavaleiros (Senna-Martínez *et al.* 2006: 66). Importante será, ainda, realçar a sua presença na Cabeça de Vaia Monte (Ponte 2006: 110), pela proximidade com o exemplar aqui apresentado. A identificação destes três exemplares no território alentejano, para além do de Torre de Palma, dois dos quais associados a ocupações do final da Idade do Bronze, documenta uma precoce integração deste adereço, e do tipo de indumentária associada, que se prolongará para momentos mais avançados, como parece indiciar o exemplar aqui apresentado.

As fíbulas de dupla mola apresentam um conjunto de variáveis que se traduzem em termos cronológicos. Foi recentemente apresentado um balanço sobre a evolução deste tipo de fíbulas, e sobre as diversas propostas tipológicas disponíveis, avançando-se com uma nova (Ponte 2006: 98) que segue, em traços gerais, vários aspectos das anteriores (Argente 1994: 52). Atendendo à mais recente tipologia, o exemplar conhecido em Torre de Palma integrar-se-ia dentro do subtipo 3b, caracterizando-se pela presença de um arco de secção quadrangular e molas de cinco voltas. Segundo a mesma autora, na esteira de outros, as fíbulas deste subtipo parecem centrar-se entre o séc. VII e o séc. VI a.C. (Ponte 2006: 98), ainda que na Meseta se considerem ligeiramente mais tardias (Argente 1994: 57). No entanto, as fíbulas de dupla mola, nas suas diversas variantes, apresentam uma cronologia que arranca com os primeiros sinais da colonização fenícia, dentro do séc. VIII a.C., com o subtipo no qual se incluem dois dos exemplares alentejanos, prolongando-se nos territórios da Meseta Oriental até momentos bem tardios, em subtipos desconhecidos em Portugal (Ponte 2006: 110).

A fibula de tipo “Acebuchal” de Torre de Palma (2000.107.4) integra-se no subtipo 9b de S. Ponte (2006: 140), que se caracteriza pelo arco laminar bifurcado, bastante típico de ocidente peninsular, encontrando-se documentado em Pragança, Santa Olaia, Conimbriga e Coto da Pena, em Caminha (Ponte 2006: 144). Os mais típicos exemplares destas fibulas encontram-se igualmente documentados no território hoje português, na necrópole de Alcácer e em Quintos (Ponte 2006: 144).

No território actualmente português, esta fibula apresenta uma distribuição essencialmente litoral, em larga medida da geografia da investigação, tendo em conta que se encontra amplamente documentada por todo o espaço peninsular, em particular no interior andaluz e Meseta Oriental (Argente 1994: 80).

A cronologia das fibulas de tipo “Acebuchal” apresenta ainda ligeiros desfasamentos entre os diversos autores. Para S. Ponte (2006: 141), na esteira de W. Schüle (1969: 36), este tipo de fibulas situar-se-ia entre os finais do séc. VII a.C. e os finais do séc. VI a.C., onde poderia ter evoluído para variantes mais complexas; esta mesma autora parece sugerir que os exemplares de arco bifurcado correspondem a uma produção essencialmente do séc. VII a.C..

Para J.L. Argente, na esteira de E. Cuadrado (1963), estas fibulas, que integra no seu tipo 7A juntamente com as de tipo Bencarrón e Alcores, teriam uma cronologia de produção mais recente, situada entre finais do séc. VI a.C. e boa parte do séc. V a.C. (Argente 1994: 83). A presença de um exemplar de tipo Alcores em Cancho Roano A pode ser lida neste sentido; todavia, os autores realçam a sua associação a um par de arrecadas de ouro de tipologia antiga, que parecem constituir parte de uma qualquer deposição ritual de um conjunto mais antigo (Celestino e Zulueta 2003: 43); os mesmos autores mencionam igualmente a presença de uma fibula de mola bilateral, certamente integrável dentro destes tipos. Cremos, atendendo ao longo espectro de ocupação de Cancho Roano, que estes exemplares não contribuem, de modo claro, para uma aceitação cabal de cronologias dentro do séc. V a.C. para a produção e distribuição destes tipos de fibulas no Ocidente peninsular, o que não invalida que tal possa efectuar-se noutras regiões, como a Meseta Oriental.

A fibula 2000.409.2 caracteriza-se pela presença, aparente, de uma mola bilateral, integrando-se nos tipos 8 a 11 de S. Ponte (2006) ou 7A de Argente (1994), não sendo simples, pelo seu estado de fragmentação, integrá-la num tipo específico. To-

davia, quer o quadro cultural, quer o cronológico, não se apresenta substancialmente distinto entre eles, não constituindo substancial relevância o seu posicionamento exacto, mantendo-se o panorama já avançado para a fibula de tipo “Acebuchal”.

Foram igualmente identificados dois exemplares de fibulas anulares hispânicas (2000.393.1 e 2000.409.5). Este tipo é um dos mais amplamente documentados e característico da Idade do Ferro peninsular, conhecendo uma extensa bibliografia que definiu um vasto quadro crono-tipológico, relativamente estabilizado desde os primeiros trabalhos de E. Cuadrado (1957), conhecendo uma série de novos estudos que se limitaram a afinar a proposta inicial (Ponte 2006: 157; Torres 2002: 203).

Ambos exemplares, pelo seu estado de conservação, não facilitam a integração nas diversas tipologias disponíveis, todavia, pode ser feita uma aproximação, não isenta de muitas cautelas; o que parece relativamente pacífico é a sua integração nas fibulas anulares de produção manual, ditas 6B de Argente (1994: 68), usualmente tidas, pela presença da mola bilateral, como das produções mais antigas, ainda que se mantenham até quase ao final da existência deste tipo (Argente 1994: 76).

A fibula 2000.393.1, a mais completa, falta-lhe apenas o fusilhão, poderá integrar-se no tipo 17b de Saleta da Ponte (2006: 204), atendendo à presença da mola bilateral e principalmente de um arco laminar largo; este tipo aproxima-se do tipo Cuadrado 12 ou “folha de Loureiro” (Ponte 2006: 160).

O segundo exemplar, 2000.409.5, apresenta-se bastante fragmentado, pelo que não é simples a sua integração tipológica; no entanto, consideramos tratar-se de uma produção manual, de forja, com arco independente da mola, que é bilateral, pelo que se pode, genericamente, enquadrar no tipo 16b de S. Ponte (2006: 202).

Estes dois exemplares parecem integrar um momento relativamente antigo da produção das fibulas anulares hispânicas, apontando a citada autora para uma cronologia entre os finais do séc. VII a.C. e os finais do século seguinte para o primeiro destes, e entre os inícios do séc. VI e a primeira metade do séc. IV a.C., para o segundo.

4.3. A NECRÓPOLE SIDÉRICA DE TORRE DE PALMA: INTENTOS DE CRONOLOGIA E GEOGRAFIAS DE PROXIMIDADES

A identificação da necrópole sidérica de Torre de Palma introduz, não apenas pela sua existência, mas principalmente pelo seu enorme significado

cultural, uma profunda alteração no panorama conhecido até ao momento no território alto alentejano, usualmente apresentado como um imenso vazio (Vilaça e Arruda 2004; Torres 2005).

A ausência de contextos precisos, dada a exiguidade dos registos, e uma avaliação ainda incompleta dos fundos antigos pode explicar algumas ausências, ainda que outras sejam difíceis de explicar, pelo que resulta ainda particularmente complexo esboçar uma leitura global, sob pena de falharmos os traços fulcrais do conjunto.

Por outro lado, esta mesma ausência de registos impede qualquer considerando sobre a arquitectura da necrópole, desde a presença de estruturas tumulares, bem documentadas em Medellín (Almagro-Gorbea 1977), El Jardal (Jiménez Ávila 2001b) ou no Baixo Alentejo (Correia 1993), ou mesmo à arquitectura das deposições. Do que não parece restarem dúvidas é da presença do ritual de cremação do corpo podendo, ou não, os restos incinerados ser recolhidos em contentores funerários.

As mesmas limitações emergem quando se intenta qualquer aproximação à dimensão da necrópole e ao número de tumulações que, todavia, cremos ser superior às três urnas reconhecidas, mas que dificilmente superaria a dezena, aceitando deposições directas dos restos incinerados ou em *busta*. No entanto, talvez fosse um trabalho de futuro indagar a dimensão da mesma, incluindo novas sondagens no local.

A cronologia de um espaço de tumulação nunca é, não deve ser, algo simples e linear, pela singularidade cumulativa de cada enterramento ou pela possível amortização das realidades no final da sua existência quotidiana. Deste modo cremos que a necrópole de Torre de Palma, atendendo à cronologia provável dos elementos identificados, se deverá distender entre os finais do séc. VII a.C. e o início do séc. V a.C., não sendo improvável que ambos os extremos se aproximem, concentrando as deposições funerárias dentro do séc. VI a.C..

Julgamos ter ficado patente a grande proximidade dos conjuntos artefactuais com as realidades litorais, de cariz orientalizante, bem documentadas no Baixo Guadalquivir e fachada atlântica peninsular, mas também no interior extremeno.

Como ficou patente, a raridade de contextos funerários sidéricos devidamente escavados e publicados no sudoeste peninsular deixa como principais referências para o estudo do conjunto de Torre de Palma as duas grandes necrópoles conhecidas nesta ampla região, Alcácer do Sal (Schüle 1969; Fabião 1998; Arruda 1999-2000; Torres 1999) e Medellín (Almagro-Gorbea 1977; Lorrio 1988-89); julgamos

ainda relevante assinalar a grande proximidade dos conjuntos com a necrópole de Aljúcen (Enríquez e Domínguez 1991), reforçada pela sua provável associação a um contexto de âmbito rural, tal como deve ter acontecido com Torre de Palma. A necrópole de Talavera la Vieja, recentemente dada a conhecer de um modo mais completo (Jiménez Ávila 2006) apresenta igualmente uma semelhança assinalável com o conjunto em estudo, para além dos materiais de excepção aí presentes. É possível que o conjunto de Torre de Palma integrasse, igualmente, alguns elementos em materiais preciosos de época sidérica (informação pessoal de Virgílio Correia, que agradecemos), o que não tivemos ainda oportunidade de confirmar.

Não deixa de ser relevante assinalar o enorme distanciamento evidenciado pelos conjuntos artefactuais de Torre de Palma face às realidades funerárias características do Baixo Alentejo, nas quais está, igualmente, bem patente uma importante influência dos contextos litorais, apesar de profundamente readaptados às realidades locais. O distanciamento é particularmente notório na total ausência de armas em Torre de Palma, tal como também acontece na necrópole da Tera, em Mora, na justa medida em que estas constituem o espólio mais característico das necrópoles baixo alentejanas. Não é impossível que tal corresponda, mais que a um distanciamento cultural, a uma diferença cronológica, acompanhando propostas recentes que apontam para uma cronologia dos espólios baixo alentejanos bem dentro do séc. V a.C. (Jiménez Ávila 2001b: 118)

Atendendo ao conjunto identificado, cremos estar perante uma necrópole de incineração em *ustrinum*, com posterior deposição em urna dos restos cremados, as quais deveriam associar-se principalmente aos grandes potes, tal como acontece na Fase I de Medellín (Almagro-Gorbea 1977; Lorrio 1989); todavia, não é impossível que alguns dos recipientes abertos, como a grande taça carenada (2000.394.45), não possam ter sido igualmente utilizados deste modo, ainda que não se tenha registado qualquer indício nesse sentido. A maioria das formas abertas deveria ter sido utilizada ou como tampas das urnas, ou como vasos de oferendas ao defunto, ainda que não se registem claros indícios de que o tenham acompanhado na cremação. Por outro lado, a individualização, nos registos antigos, de tumulações isoladas com materiais exclusivamente proto-históricos (caso da Sepultura XVII), poderá indiciar a presença, eventual, de tumulações em fossa, sem urna, ou mesmo *busta*, tal como na Fase II de Medellín, o que de certo modo poderá

ser corroborado pela cronologia aparentemente mais recente destes materiais.

Assim, e atendendo aos dados principalmente de Medellín, teríamos um primeiro momento caracterizado pelas grandes urnas de cerâmica cinzenta, acompanhadas por tigelas, com ou sem carenas, em cerâmica cinzenta, que integrariam adornos como os fecho de cinturão “tartéssico”, as fíbulas de dupla mola, ou “Acebuchal” e os braceletes “acorazonados”, enquanto no segundo momento se destacariam as urnas de menores dimensões, algumas tigelas de cerâmica cinzenta, os unguentários, o fecho de cinturão de escotaduras laterais e as fíbulas anulares hispânicas.

A grande afinidade da necrópole de Torre de Palma com a necrópole de Medellín reforça a estreita ligação deste território alto alentejano ao processo histórico desenrolado na bacia média do Guadiana, talvez até mais que ao documentado na desembocadura do Tejo, tal como um de nós já tinha anteriormente proposto (Mataloto 2005). Por outro lado, é certa a grande proximidade com os conjuntos de Alcácer, que se parece constatar pela forte semelhança e presença dos pequenos unguentários, pouco documentados em Medellín.

A presença de um conjunto bastante característico de metais, com paralelos directos nas necrópoles já mencionadas de Alcácer, Talavera, Medellín ou Aljucén, parece conjugar-se bastante bem com a presença de um estrato superior da sociedade que, apesar de instalado em meio rural, estaria integrado numa importante rede de distribuição de artefactos de prestígio, eventualmente associada à comercialização de produtos têxteis, produzidos ou redistribuídos a partir do litoral. A presença de da fíbula tipo “Acebuchal” de arco bipartido, com uma distribuição cingida essencialmente na fachada atlântica, reforça a ligação de Torre de Palma aos circuitos de distribuição litoral.

Estes adereços metálicos, essencialmente relacionados com a indumentária, poderão e deverão estar associados a um modelo, relativamente uniformizado, de representação do *status* social, indicando uma clara coesão cultural e uma mesma representação do Poder entre os diversos contextos regionais mencionados.

Julgamos importante assinalar a partilha de um mesmo conceito estético, e aparentemente de Poder, entre as elites “urbanas” de Medellín ou Alcácer e as rurais, tal como transparece no caso de Torre de Palma ou Aljucén. Todavia, convenhamos que estes agentes sociais instalados em contexto rural dificilmente constituiriam a cúspide social da época, encontrando-se algo afastados quer do *sta-*

tus, quer do poder económico das grandes elites urbanas. Na realidade, estes “senhores do campo”, como seria o caso de Torre de Palma, desenvolveriam um processo de emulação das verdadeiras elites, que ostentariam um conjunto de adornos semelhantes, mas em metais nobres, como ficou bem patente no extraordinário conjunto de Talavera la Vieja (Jiménez Ávila 2006).

5. A OCUPAÇÃO SIDÉRICA DE TORRE DE PALMA

O conjunto artefactual do “Cemitério ao pé das Ermidas” é apenas o mais significativo das ocupações sidéricas de Torre de Palma, em particular pelo seu estado de conservação, atendendo à sua mais que provável origem funerária. Todavia, existe um conjunto de fragmentos passível de se enquadrar nas tipologias disponíveis para a Idade do Ferro regional, e mesmo extra-regional, recolhidos em diversas áreas da *villa*, que poderão associar-se a ocupações de cariz habitacional.

O conjunto é ainda bastante resumido, não sendo fácil destrinçar estas realidades por entre a enorme diversidade de cerâmicas mais recentes; no entanto, alguns tipos, pela sua especificidade, facilitam a sua identificação, caso da cerâmica cinzenta polida, dos grandes contentores pintados ou da cerâmica com matrizes estampilhadas. À margem destas surgem outras que, incluídas na categoria genérica da cerâmica comum, poder-se-ão também associar às ocupações sidéricas, ainda que com algumas reservas, ao tratarem-se de morfologias de grande simplicidade.

A possibilidade de enquadrar a nível espacial, ainda que genericamente, este conjunto permite admitir que se equacione uma origem distinta dos contextos funerários. O simples facto de se terem identificado na área edificada da *villa* remete para um contexto espacial distinto, por que separado da área de tumulação por uma pequena linha de água sazonal, bem definida no terreno actual, e eventualmente existente à data das presenças sidéricas, separando os contextos dos vivos e dos mortos.

O conjunto, ainda que resumido, parece indicar ao menos dois momentos distintos: um primeiro momento correspondente a uma ocupação cronologicamente semelhante ao conjunto de materiais da necrópole, a qual surge assinalada pela cerâmica cinzenta fina polida e um possível *pithos* com o bordo pintado; no que diz respeito ao segundo momento apenas se pode assegurar a presença de um pequeno fragmento cerâmico com decoração por

matrizes estampilhadas, com um motivo circular radiado, enquadrável num momento mais avançado da Idade do Ferro, algures dentro do séc. IV/III a.C. (Berrocal 1992).

Creemos que estes indícios são suficientemente explícitos para assegurarem que na área da *pars urbana* ou *rustica* de Torre de Palma se terá desenvolvido um ou mais complexos habitacionais, de cariz rural, da Idade do Ferro, aparentemente desmantelados pelos programas construtivos de época romana.

Em território alentejano, este facto encontra-se cada vez melhor documentado em trabalhos de prospecção (Mataloto 2004), mas também de escavação, em sítios como a Quinta das Longas (comunicação pessoal de António Carvalho). Fora da região alentejana encontra-se igualmente atestada a sobreposição de ocupações, sendo o caso de Freiria o melhor documentado e, igualmente, o de maior semelhança, na justa medida em que se identificaram dois momentos de ocupação, aparentemente sidéricos, prévios à instalação do complexo produtivo da *villa* (Encarnação e Cardoso 1999). Perante a identificação de formas completas e materiais de excepção, como um fecho de cinturão semelhante ao de Torre de Palma, ou um espeto, não deixa de ser de questionar a possibilidade de também aqui ter existido uma área de tumulação.

6. ENTRE MORTOS E VIVOS: A OCUPAÇÃO SIDÉRICA DE TORRE DE PALMA E AS DINÂMICAS CULTURAIS DA PRIMEIRA METADE DO Iº MILÉNIO A.C. DO INTERIOR ALTO ALENTEJANO.

O território alto alentejano conheceu uma fortíssima transformação das malhas de povoamento durante a primeira metade do Iº milénio a.C., registando-se um assinalável processo de ruralização, concomitante ao abandono dos grandes núcleos habitacionais do final da Idade do Bronze. A disseminação pelo território alto alentejano das realidades de fundo colonial introduzidas nos estuários do Tejo e do Sado parece acompanhar o arranque deste processo de transformação social e de povoamento, que estará verdadeiramente consolidado nos inícios do séc. VI a.C.

A introdução de uma nova matriz cultural nos primeiros séculos do Iº milénio a.C., fortemente marcada pelo afluxo das novidades coloniais, virá, cremos, na sequência de uma tradição milenar de ligação ao Sul, evidenciando, portanto, uma clara continuidade nas conexões.

A matriz do Sul, de tradição “orientalizante”, vinha sendo documentada principalmente nos modelos arquitectónicos, onde se registaram em contexto rural notáveis exemplos do fundo arquitectónico mediterrâneo, introduzido ou divulgado pelas comunidades fenícias (Mataloto 2004). Todavia, ao invés do registado em extensas regiões do Sul, interior e litoral, as realidades cerâmicas surgiam-nos já bastante transformadas às realidades locais, evidenciando-se a influência colonial principalmente na presença da cerâmica a torno, que teve uma introdução bastante mais lenta que no litoral, sendo raras as claras importações do litoral, apenas documentadas até ao momento no sítio de São Gens no alto da serra d’Ossa (Mataloto 2004a).

A necrópole de Torre de Palma evidencia-nos, no entanto, uma imagem distinta. A absoluta semelhança com os modelos e associações artefactuais conhecidas no litoral atlântico, interior extremenho e Baixa Andaluzia, traduz uma novidade completa do panorama conhecido, agora muito mais próximo do Mundo “orientalizante”.

Apesar de algumas ausências relevantes, caso das urnas “Cruz del Negro”, que poderá apresentar um significado muito preciso, dada a sua particular associação às populações tartéssicas (Torre Ortiz 2005), cremos ser bastante evidente a inclusão do conjunto estudado nas realidades funerárias do Sul peninsular, quer pelas presenças cerâmicas, onde pontuam as cerâmicas cinzentas, com modelos relativamente uniformizados, quer pelas presenças metálicas, indícios de uma mesma forma de representação social.

A profunda associação a modelos originários do litoral insere a necrópole de Torre de Palma directamente no centro do debate sobre os processos de colonização do Sudoeste peninsular. Este tem vindo a ser marcado, nos últimos anos, por propostas contraditórias e por vezes arrojadas, onde os dados do território alto alentejano não eram, de todo, equacionados.

A descoberta de uma intensa e importante ocupação de fundo “orientalizante” e fenómeno no Ocidente peninsular (Arruda 1999-2000) impunha uma reorganização das leituras de conjunto da ocupação sidérica no sudoeste peninsular. O cerne da questão seria, uma vez mais, não o território litoral, mas antes o interior extremenho, onde as fortíssimas ligações ao mundo litoral se vinham a tornar ainda mais evidentes. Deste modo, e perante o afluxo de dados, D. Manuel Pellicer (2000) ensaiou uma proposta que propunha compreender o processo de transformação, e mesmo colonização, registado no interior extremenho durante os séc. VIII-V a.C. a

partir da realidade do litoral atlântico, conectado com aquela região por um extenso corredor natural, bastante bem documentado ao longo de vários milénios. As suas propostas foram sendo aceites e reforçadas por outros autores (Arruda 2005a; Vilaça e Arruda 2004), conhecendo recentemente uma fortíssima crítica e refutação completa, em prol de uma nova proposta que reverteria totalmente o processo. Perante o mesmo conjunto de dados, Mariano Torres apresentou uma proposta que invertia os processos de colonização, fazendo depender a colonização da fachada atlântica da movimentação por terra de populações tartéssicas, oriundas da Baixa Andaluzia, através do interior extremeño (Torres 2005). Manipulando dados de diversa origem, dos autores clássicos à toponímia, passando pelas realidades artefactuais, nomeadamente funerárias, constrói um modelo que tem na expansão territorial, e na consolidação do modelo urbano o seu elemento estruturante.

As fragilidades de um modelo tão arrojado foram já devidamente assinaladas (Arruda 2005b: 83), ainda que outras pudessem ser assinaladas, em particular no que à sua passagem pelo interior alentejano diz respeito. Por outro lado, as mesmas fragilidades se podem associar ao modelo de D. Manuel Pellicer, apontando para uma realidade local bem mais complexa do que os modelos lineares nos fazem crer.

A ausência de contextos urbanos consolidados devidamente documentados para a primeira metade do 1º milénio a.C. do Alto Alentejo torna difícil a integração deste território num qualquer esquema de expansão territorial “tartéssica”; por outro lado, a debilidade das presenças de fundo claramente “orientalizante” no território alto alentejano torna difícil estruturar a colonização do território extremeño através do corredor natural que liga as “vegas” do Guadiana ao estuário do Tejo.

A escassez de presenças de clara inspiração e proveniência litoral, associadas a um momento relativamente tardio das mesmas, sempre após os meados do séc. VII a.C., tal como nos indiciam as presenças anfóricas de São Gens, e metálicas de Torre de Palma, deixam escassa margem para se explicar fenómenos ocupacionais como o de Medellín (Almagro-Gorbea 1977). A cronologia destas presenças não deverá ser alheia à consolidação do processo de mediterraneização quer dos territórios da fachada atlântica quer do interior extremeño, a partir justamente deste momento (Arruda 1999-2000).

A integração directa de Torre de Palma nesse extenso corredor, onde mais tarde irão discorrer as

vias romanas que ligarão *Olisipo*, *Scalabis* ou *Salacia* ao centro do território Lusitano, onde se instalou Augusta Emerita, não será certamente alheia às claras filiações culturais transmitidas pelas presenças funerárias.

Nas regiões mais a Sul, que temos vindo a estudar, dentro do Alentejo Central na bacia do Guadiana, as ligações ao Mundo Mediterrâneo, sendo bem patentes na Arquitectura, tornam-se bem mais discretas nas presenças cerâmicas e metálicas, assinalando, talvez, percursos diversos na intensidade de relacionamento e profundidade dos processos de interacção com as realidades do litoral.

O processo de mediterraneização das realidades sidéricas alentejanas deverá ter conhecido um percurso múltiplo, assente, todavia, numa mesma tônica, que o distingue, em grande medida, das regiões contíguas: a consolidação do Mundo Rural, em desfavor de uma realidade de cariz urbano, que tardará em emergir, depois do abandono generalizado dos grandes aglomerados do final da Idade do Bronze.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977): *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura*. Madrid: Bibliotheca Praehistorica Hispana XVI. Madrid.
- (1996): *Ideología y Poder en Tartessos y el Mundo Ibérico*. Madrid.
- ALMEIDA, F. DE (1971): *Caderno de Campo Capa Vermelha* [Manuscrito]. Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- ALMEIDA, F. DE e FERREIRA, O.V. (1967): “Fechos e Placas de Cinturão Hallstáticos Encontrados em Portugal”. *O Arqueólogo Português* (série III) 1: 81-96.
- ANÓNIMO (1758): “Memorias Paroquiais da Aldeia de Vayamonte, termo da vila de Monforte, comarca de Vila Viçosa (Bispado de Elvas)”. *Dicionário Geográfico*; 38:5
- ARNAUD, J.M. (1979): “Coroa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos Arredores de Évora. Escavações de 1971-1972”. *Madrider Mitteilungen* 20: 56-100.
- ARGENTE, J.L. (1994): *Las fibulas de la Edad del Hierro en la Meseta Oriental*. Excavaciones Arqueológicas en España 168. Madrid.
- ARGENTE, J.L., DÍAZ, A. e BESCÓS, A. (2000): *Tiermes V. Carratiermes. Necrópolis celtibérica*. Arqueología en Castilla y León. Memórias. 9. Valladolid.

- ARRUDA, A.M. (1996): “Particularidades, Especificidades e Regularidades na Idade do Ferro do Sul de Portugal: Aproximação a um Modelo Explicativo”. In: Villar e Encarnação (eds.): *La Hispania Prerromana. Actas do VI Colóquio sobre Linguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: 37-50.
- (1999-2000): “Los fenicios en Portugal: Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal.: Cuadernos de Estudios Mediterráneos 5-6. Barcelona
- (2001): “A Idade do Ferro pós-Orientalizante no Baixo Alentejo”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 4 (2): 207-291.
- (2004): “A Idade Do Ferro em Portugal: leituras de Jorge Alarcão”. In Lopes e Vilaça (coords.): *O Passado em cena: narrativas e fragmentos*. Coimbra/Porto: 75-98.
- (2005a): “Orientalizante e Pós-orientalizante no sudoeste peninsular: geografias e cronologias”. In Celestino e Jiménez Ávila (eds.): *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Anejos de AEspA XXXV*. Mérida: 277-303.
- (2005b) O 1º milénio a.n.e. no centro e no sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: MNA. Série IV. Vol. 23: 9-156.
- ARRUDA, A.M., FREITAS, V. e VALLEJO, J. (2000): “As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3 (2): 25-59.
- ARRUDA, A.M., GUERRA, A. e FABIÃO, C. (1995): “O que é a IIª Idade do Ferro no Sul de Portugal”. *1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993). Actas VI. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35 (2). Porto: 237-257.
- ATTEMA, P. (2000): “Landscape archaeology and Livy: Warfare, colonial expansion and town and country in Central Italy of the 7th to 4th c. BC. *BaBesh. Annual Papers on Classical Archaeology*. 75: 115-126.
- AUBET, M^a.E. (1975): *La necrópolis de Setefilla en Lora del Río*. Barcelona.
- (1978): *La necrópolis de Setefilla (Túmulo B)*. Barcelona.
- AUBET, M^a.E., CARMONA, P., CURIÀ, E., DELGADO, A., FERNÁNDEZ CANTOS, A., e PÁRRAGA, M. (1999): *Cerro del Villar I. El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y su interacción con el hinterland*. Sevilla.
- BLÁZQUEZ, J.M. (2005): “Evolución del concepto orientalizante en los 50 últimos años en la investigación hispana”. In Celestino e Jiménez Ávila (eds.): *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Anejos de AEspA XXXV*. Mérida: 129-148.
- BEIRÃO, C.M. (1986) *Une Civilization Protohistorique du Sud de Portugal. 1^{er} Age du Fer*. Paris.
- BEIRÃO, C.M. e GOMES, M.V. (1980): *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal Epigrafia e Cultura*. Lisboa.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1992): *Los Pueblos Célticos del Suroeste de la Península Ibérica. Complutum Extra 2*. Madrid
- (1994): “El Oppidum de Badajoz. Ocupaciones Prehistoricas en la Alcazaba”. In Almagro-Gorbea e Martín (eds.): *Castros y Oppida en Extremadura. Complutum Extra 4*. Madrid: 147-187.
- BERTRAND, G. (1975): “Pour une Histoire écologique de la France rurale”. In Duby, G. *Histoire de la France rurale*, vol. I. Paris: 37-118.
- BOAVENTURA, R. e BANHA, C. (no prelo): “Ânforas da região de Monforte: Contributo para o conhecimento do comércio rural romano”. *O Arqueólogo Português*.
- BONET, H., e MATA PARREÑO, C. (2001): “Organización del territorio y poblamiento en el País Valenciano entre los siglos VII al II a.C.” In Berrocal-Rangel e Gardes (eds.): *Entre Celtas e Iberos. Las poblaciones protohistóricas de las Galias e Hispania. Bibliotheca Archaeologica Hispana 8*. Madrid: 175-186.
- BUCHSENSCHUTZ, O. (2001): “Habitat et Société celtique: la tentation urbaine”. In Berrocal-Rangel e Gardes (eds.): *Entre Celtas e Iberos. Las poblaciones protohistóricas de las Galias e Hispania. Bibliotheca Archaeologica Hispana 8*. Madrid 109-113.
- CALADO, M. (1991): *O povoado da II Idade do Ferro do Castelão de Rio de Moinhos. Campanha 1. Relatório de escavação*. Relatório Inédito.
- (1993): *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal.
- (2002) Povoamento Pré e Proto-Histórico da margem direita do Guadiana. *Almadan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. IIª série. Nº 11: 122-127.
- CALADO, M., BARRADAS, M. e MATALOTO, R. (1999): “Povoamento Proto-histórico no Alentejo Central. *Actas do Congresso de Proto-História Europeia Revista de Guimarães* (volume especial), vol. I. Guimarães: 363-386.
- CALADO, M. e MATALOTO, R. (2001): *Carta Arqueológica de Redondo*. Redondo.
- CALADO, M., MATALOTO, R e ROCHA, L. (n.p.): “Povoamento proto-histórico na margem direita do

- regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal)". *Actas do Curso de Verão Arqueologia de la Tierra* (Castuera, 2005).
- CALADO, M. e ROCHA, L. (1996/1997): "Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central". *A Cidade de Évora*. Évora (IIª Série) 2-3: 35-55.
- (1997): "Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central". *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz* 1: 99-130.
- CERDEÑO, M.L. (1978): "Los broches de cinturón peninsulares de tipo céltico". *Trabajos de Prehistoria* 55: 271-306.
- CELESTINO, S. ed. (1996) *El Palacio Santuario de Cancho Roano V - VI - VII. Los Sectores Oeste, Sur y Este*. Badajoz.
- CELESTINO, S. e JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1993): *El Palacio-Santuario de Cancho Roano IV. El Sector Norte*. Badajoz.
- CELESTINO, S. e ZULUETA, P. (2003): "Los Bronces de Cancho Roano". In Celestino (ed.): *Cancho Roano IX. Los materiales arqueológicos* II: 11-123. Badajoz.
- CÓRDOBA, I. e RUIZ MATA, D. (2000): "Sobre la construcción de la estructura tumular del túmulo 1 de Las Cumbres (Castillo de Doña Blanca)". *Actas del IV Congreso de Estudios Fenicios y Púnicos*, vol. II. Cádiz: 758-770.
- CORREIA, V.H. (1986): "Um Bronze tartéssico inédito. O touro de Mourão". *Trabalhos de Arqueologia do Sul* 1: 33-48.
- (1993): "As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal: arquitectura e rituais". *Iº Congresso de Arqueologia Peninsular. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 33 (3-4): 351-375.
- (1997): "Um modelo Historiográfico para a Idade do Ferro do Sul de Portugal e a sua Arqueologia". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 37 (3-4): 41-85.
- (1999): "Fernão Vaz (Ourique, Beja). Balanço da investigação arqueológica". *Vipasca* 8: 23-31.
- CUADRADO, E. (1957): "La Fíbula Anular Hispánica y sus Problemas". *Zephyrus* 8 (1): 5-76.
- (1963): *Precedentes y Prototipos de la Fíbula Anular Hispánica*. Trabajos de Prehistoria VII. Madrid.
- (1989): *La Necrópolis Ibérica de "El Cigarralejo" (Mula, Murcia)*. *Bibliotheca Praehistorica Hispana* 23. Madrid.
- DÉMOULE, J.P. (1999): "La société contre les Princes". *Les Pinces de la Protohistoire et l'émergence de l'État*. Naples-Rome: 125-134.
- DÍES CUSÍ, E. (2001): "La influencia de la arquitectura fenicia en las arquitecturas indígenas de la Península Ibérica (VIII-VII)". In Ruiz Mata e Celestino (eds.): *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: 69-121.
- DUBY, G. (1987): *Economia rural e Vida no campo no Ocidente medieval*. Lisboa.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.J. e DOMÍNGUEZ DE LA CONCHA, C. (1991): "Restos de una necrópolis Orientalizante en la desembocadura del río Aljucén (Mérida, Badajoz)". *Saguntum* 24: 35-52.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.J., RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e PAVÓN, I. (2001): *El Risco. Excavación de urgencia en Sierra de Fuentes. (Cáceres) - 1991-1993. Memorias de Arqueología Extremeña* 4. Mérida.
- ENRÍQUEZ, J.J., VALDÉS, F., PAVÓN, I., RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e LÓPEZ DEL ÁLAMO, P. (1998): "La estratigrafía del "Sector de Puerta de Carros-2 (SPC-2) de Badajoz y el contexto poblacional del 'Valle Médio del Guadiana' en la Edad del Hierro". In Rodríguez Díaz (coord.): *Extremadura Protohistórica: Paleambiente, economía y poblamiento*. Cáceres: 201-246.
- FABIÃO, C. (1996): "O Povoado Fortificado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte)". *A Cidade* (nova série) 11: 31-80.
- (1998) *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*, (Dissertação de Doutoramento inédita. Universidade de Lisboa. Lisboa).
- (2001): "Importações de origem mediterrânea no interior do sudoeste peninsular na segunda metade do 1º milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaiamonte, Monforte". *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do colóquio internacional*. Lisboa: 197-228.
- FERRER ALBELDA, E. e BANDERA ROMERO, M.L. DE LA (2005): "El orto de Tartessos: la colonización agraria durante el período Orientalizante". In Celestino e Jiménez Ávila (eds). *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Anejos de AEspA XXXV*. Mérida: 565-574.
- FREITAS, V. (2005) *As cerâmicas de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim. Produção, consumo e comércio na Idade do Ferro Orientalizante Peninsular*. (Dissertação de Mestrado inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa
- GARCÍA HUERTA, R., MORALES, F., VÉLEZ, J., SORIA, L. e RODRÍGUEZ, D. (2006): "Hornos de pan en la Oretania septentrional". *Trabajos de Prehistoria* 63 (1): 157-166.
- GUERRERO, V.M. (1991): "El Palacio-Santuario de Cancho Roano (Badajoz) y la comercialización

- de ânforas indígenas”. *Rivisti di Studi Fenici* XIX (1): 49-82.
- GOMES, M.V. (1992): “Proto-História do Sul de Portugal”. In Silva e Gomes: *Proto-História de Portugal*. Lisboa: 101-185.
- (2001): “Divindades e Santuários púnicos, ou de influência púnica, no sul de Portugal”. *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do colóquio internacional*. Lisboa: 99-148.
- GOMES, S., BRAZUNA, S. e MACEDO, M. (2002): “Ocupações romanas na margem direita do Guadiana”. *Almadan* (IIª série) 11: 134-138.
- GONZÁLEZ PRATS, A. (2002): *La necrópolis de cremación de Les Moreres*. Alicante.
- GIBSON, C., CORREIA, V. e BURGESS, C. (1998): “Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary report on the excavations at the late Bronze Age to Medieval site, 1990-1993”. *Journal of Iberian Archaeology* 0: 189-244.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1997): “Cancho Roano y los Complejos Monumentales Post-Orientalizantes del Guadiana”. *Complutum* 8:141-159.
- (2001a): “Los Complejos monumentales Post-Orientalizantes del Guadiana y su integración en el panorama del Hierro Antiguo del Suroeste Peninsular”. In Ruiz Mata e Celestino (eds.): *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: 193-226.
- (2001b) La necrópolis de «El Jardal» (Herrera del Duque, Badajoz): elementos para el estudio del ritual funerario del suroeste peninsular a finales de la Iª Edad del Hierro. *Complutum*. Madrid. 12:113-122.
- (2003): “Las sandalias de Apolo. Sobre el origen griego de los cinturones ‘célticos’”. *Archivo español de arqueología* 76: 31-46.
- ed. (2006): *El conjunto orientalizador de Talavera la Vieja (Cáceres)*. Publicaciones del Museo de Cáceres. Memorias 5. Cáceres.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. e ORTEGA BLANCO, J. (2001): “El poblado Orientalizador de El Palomar (Oliva de Mérida, Badajoz). Noticia preliminar”. In Ruiz Mata e Celestino (eds.): *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: 226-248.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J., ORTEGA BLANCO, J. e LÓPEZ-GUERRA, A. (2005): “El poblado de ‘El Chaparral’ (Aljucén) y el asentamiento del Hierro Antiguo en la comarca de Mérida”. *Mérida-Excavaciones arqueológicas*. Memoria 8: 457-485.
- KALB, P. e HÖCK, M. (1985): *Cerâmica de Alpiarça da Coleção Arqueológica do Museu dos Patudos e do Museu de Antropologia da Universidade do Porto, e Peças Comparáveis de outras Coleções (Catálogo de Exposição)*. Alpiarça.
- LANGLEY, M. (2006): “*Est in Agris*, A Spatial Analysis of roman *uillae* in the region of Monforte, Alto Alentejo, Portugal”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9 (2): 317-328.
- LORRIO, A.J. (1988-89): “Cerámica gris orientalizante de la Necrópolis de Medellín (Badajoz)”. *Zephyrus* XLI-XLII: 283-314.
- (1997): *Los Celtiberos*. Complutum Extra. 7. Madrid.
- MACHADO, J.S. (1987): *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha: Séculos XVI-XVIII*. Caldas da Rainha.
- MATALOTO, R. (2004a): *Um “monte” da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no Iº milénio a.C. do Alentejo Central*. Trabalhos de Arqueologia 37. Lisboa.
- (2004b): Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da serra d’Ossa. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7 (2): 139-173.
- (2005): “Em busca do Mediterrâneo: A Idade do Ferro do Alentejo Central (Portugal)”. In Celestino e Jiménez Ávila (eds.): *El Período Orientalizador. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Anejos de AEspA XXXV*. Mérida: 955-966.
- MAYET, F. E SILVA, C. T. (2000): *Le site phénicien d’Abul (Portugal). Comptoir et Sanctuaire*. Paris.
- PARREIRA, R. (1995): “Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior. *A Idade do Bronze em Portugal - discursos de poder*. Lisboa: 131-134.
- PARZINGER, H. e SANZ, R. (1986): “Zum Ostmediterranean Ursprung einer Gürtelhakenform der Iberischen Halbinsel”. *Madridrer Mitteilungen* 27: 169-194.
- PELLICER, M. (2000): “El proceso Orientalizador en el Occidente Ibérico”. *Huelva Arqueológica* 16: 89-134.
- PONTE, M.S. (1985): “As Fíbulas de Vaiamonte”. *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*. Salamanca: 137-158.
- (1986): “Algumas Peças Metálicas de Necrópoles Romanas do Distrito de Portalegre e Évora”. *Conimbriga* 25: 99-129.
- (1987): “Algumas Fíbulas de Torre de Palma (Monforte)”. *Actas das Iª Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano (Castelo de Vide, 1985)*. s/I: 117-121.
- (2006): *Corpus Signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Coimbra.

- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. ed. (2004): *El edificio proto-histórico de "La Mata" (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. (2001): *Extremadura Tartésica: Arqueología de un proceso periférico*. Barcelona.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A., CHAUTÓN PÉREZ, H. e DUQUE, D. (2006): "Paisajes rurales protohistóricos en el Guadiana Medio: Los Canõs (Zafra, Badajoz)". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9 (1): 71-113.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e ORTIZ ROMERO, P. (1998): "La Mata de Campanario (Badajoz): un nuevo ejemplo de 'Arquitectura de Prestigio' en la Cuenca Media del Guadiana. In Rodríguez Díaz (coord.): *Extremadura Protohistoria: Paleoambiente, Economía y Poblamiento*. Cáceres: 201-246.
- ROVIRA, S., MONTERO, I., ORTEGA, J. e JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2005): Bronce y trabajo del bronce en el poblado orientalizante de 'El Palomar (Oliva de Mérida, Badajoz). In Celestino e Jiménez Ávila (eds.): *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Anejos de AEspA XXXV*. Mérida: 1231-1248.
- RUIZ MATA, D. (1995): "Las cerámicas del Bronce Final. Un soporte tipológico para delimitar el tiempo y el espacio tartésico". *Tartessos. 25 Años Después 1968-1993*. Jerez de la Frontera: 265-313.
- SILVA, J.L. (1960): *[Carta] 1960 Agosto 18, Vaia-monte [a] Manuel Heleno*. Arquivo Manuel Heleno, Biblioteca do Museu Nacional de Arqueología. Lisboa.
- SILVA, C.T., SOARES, J., BEIRÃO, C. M., DIAS, L.F. e COELHO-SOARES, A. (1980-1981): "Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979)". *Setúbal Arqueológica* 6-7: 149-218.
- SCHÜLE, W. (1969): *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*. Madrider Forschungen 3. Berlin
- TORRES, M. (1999): *Sociedad y Mundo Funerario en Tartessos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 3. Madrid.
- (2002): *Tartessos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 14. Madrid.
- (2005): "Una colonización tartésica en el interfluvio Tajo-Sado durante la Primera Edad del Hierro?" *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (2): 193-213.
- VALLEJO, J. (1999): *Sobre el origen y extensión de la cerámica gris y las producciones occidentales*. (Memoria de Licenciatura inédita. Universidad de Cádiz). Cádiz.
- (2005): "Las cerámicas grises orientalizantes de la Península Ibérica: una nueva lectura de la tradición alfarera indígena". In Celestino e Jiménez Ávila (eds.): *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Anejos de AEspA XXXV*. Mérida: 1149-1172.
- VILAÇA, R. (1995): *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. Trabalhos de Arqueologia 9. Lisboa.
- VILAÇA, R. e ARRUDA, A. (2004): "Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro". *Coimbra XLIII*: 11-45.
- VILAÇA, R., MONTERO, I., RIBEIRO, C., SILVA, R. e ALMEIDA, S. (2002-2003): "A Tapada das Argolas (Capinha, Fundão): novos contributos para a sua caracterização". *Estudos Pré-Históricos X-XI*: 175-197.